

Daniela Nóbrega

gomesnobrega@hotmail.com

Roseanne Tavares

tavaresroseanne@gmail.com

Fala do professor e a produção oral dos alunos Teacher's speech and students' oral production

RESUMO – Este artigo apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa de doutorado sobre a relação dos elementos verbais do professor com os elementos não verbais dos alunos (sorriso) na interação em sala de aula de língua inglesa. Teoricamente ancorado na Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982) e na Análise da Conversação (Marcuschi, 1991; Goffman, 2002; Armengaud, 2006), este artigo tem por objetivo discutir como os elementos verbais do professor contribuem para o desenvolvimento da oralidade dos alunos. Com base nas observações em sala de aula, a pesquisa demonstrou que a oralidade dos alunos está normalmente relacionada com o discurso oral do professor, sobretudo nas atividades em pares e individuais em sala de aula. Quando estão trabalhando em grupo, os alunos tendem a interagir melhor. O uso do sorriso pelos alunos reflete um melhor desempenho oral dos alunos nessas atividades em grupo. No entanto, quando interagem com o professor individualmente, o sorriso dos alunos assume uma função de bloqueio de fala. Neste estudo, o sorriso dos alunos mostrou ser um componente interativo fundamental nas conversações em sala de aula podendo contribuir ou não para a produtividade oral dos alunos, de acordo com específicas situações interacionais de sala de aula.

Palavras-chave: interação em sala de aula, fala do professor, sorriso

Introdução

Durante qualquer evento conversacional, do mais cotidiano ao mais formal, as ações verbais e não verbais utilizadas durante a conversação tornam-se fundamentais para o entendimento das estratégias conversacionais utilizadas e das finalidades comunicativas a serem alcançadas (Wardhaugh, 1998). Por exemplo, quando um filho quer prestar atenção no que seus pais estão falando, ele normalmente olha fixamente para seus pais e movimenta sua cabeça em direção a eles. Quando um político utiliza o movimento das mãos ao falar com uma determinada audiência, isso pode sinalizar certo entusiasmo ao discursar sobre um determinado assunto. Isto é, os toques, os gestos, o olhar, o sorriso, os movimentos das mãos e da cabeça estão invariavelmente presentes enquanto nos comunicamos verbalmente.

Também na interação em sala de aula ocorre o uso de elementos verbais e não verbais. Não só a fala, mas

ABSTRACT – This article presents some preliminary results of a doctoral's research about the relationship between teacher's speech and students' smiles in EFL classroom interaction, and its implication to students' oral production. Grounded on Interactional Sociolinguistics (Gumperz, 1982) and Conversation Analysis (Marcuschi, 1991; Goffman, 2002; Armengaud, 2006), this study has shown that the students' oral production tends to be a reflection of the teacher's speech, mainly in pair work and individual activities. In group activities, the students tend to perform better. During group activities, the use of students' smiles tends to reflect a better oral performance among them. However, when they interact individually with the teacher, the students' smiles work so as to block their speech production. In this study, then, the students' smiles appeared to be a fundamental interactive component in an EFL classroom interaction among students and with teacher, sometimes favoring a more dynamic classroom conversation or not, depending on the specific interactional situations of the classroom.

Key words: classroom interaction; teacher's speech; students' smiles.

também a linguagem corporal do professor e dos alunos estão em constante (re)negociação no intuito de (co)construir um ambiente favorável para o ensino-aprendizagem como um todo. Com base nos estudos da Análise da Conversação (Marcuschi, 1991; Kerbrat-Orecchioni, 2006; Armengaud, 2006), algumas pesquisas têm revelado que o discurso do professor, nas interações em sala de aula, tende a (i) refletir uma relação de desigualdade social com os alunos (Figueiredo, 2005; Garcez, 2006); (ii) estabelecer dificuldades de relacionamento (Consolo e Vani, 2006); e (iii) refletir a negociação de imagens com os alunos através de cinco estratégias discursivas (convívio, institucional, pedagógica, de cooperação e espontânea) (Tavares, 2007).

Nos estudos sobre o comportamento não verbal em sala de aula, algumas pesquisas têm mostrado que a linguagem verbal e não verbal tende a ser utilizada pelo(a) professor(a) em vários momentos pedagógicos. O uso dos elementos verbais e não verbais pode ser verificado

quando o professor aprova uma resposta através de um sorriso (Dantas, 2007); quando os gestos do professor servem para reforçar, facilitar a aprendizagem, indicar sua reação em relação às condutas dos alunos ou orientar a sua fala (Sime, 2008; Lorscher, 2003; Souza, 2007); ou quando o olhar e o sorriso contribuem tanto para a aproximação como para uma reprimenda em sala de aula (Oliveira, 2007).

As implicações oriundas dos estudos sobre a fala do professor para o ensino-aprendizagem em língua inglesa são aspectos que têm sido investigados nos estudos de interação em sala de aula. Tanto Figueiredo (2005) quanto Garcez (2006) observaram que os professores geralmente assumem o controle no sistema de turnos conversacionais, indicando o que, para que e como deve ser dito em sala de aula. Tal conduta verbal do professor, i.e. direcionar a fala dos alunos, torna-se evidente em várias sequências interacionais nas aulas de língua inglesa. De acordo com Sinclair e Coulthard (1975), essas sequências são caracterizadas como IRA (Iniciação, Resposta e Avaliação), em que é destinado ao professor o movimento de iniciação e avaliação, e aos alunos o movimento de resposta.

Esse tipo de organização da fala em interação na sala de aula tem demonstrado a relação assimétrica nas interações professor-alunos. É nesse tipo de interação que o interlocutor-falante tende a controlar a conversa e distribuir os turnos de acordo com suas necessidades conversacionais. Isso normalmente ocorre nas entrevistas, palestras e salas de aula. Em salas de aula, os alunos geralmente parecem não estar preparados para condições ideais de participação simétrica com o professor, quer dizer, em que os falantes compartilham os mesmos direitos de fala nas conversações (Marcuschi, 1991; Koch, 2006).

Outro aspecto analisado na interação em sala de aula é a fala dos alunos. Figueiredo, por exemplo, analisou como os alunos refletem sobre as suas produções linguísticas nas correções em pares, isto é, “um processo no qual os alunos leem os textos escritos por seus colegas e dão sugestões para melhorá-los” (2006, p. 139). Fundamentado na teoria sócio-constructivista da linguagem e na aprendizagem colaborativa, este autor afirma que os alunos podem exercer um papel mais participativo no processo de aprendizagem. A aprendizagem colaborativa permite que os alunos possam compartilhar informações e ideias, na realização das atividades em pares e em grupos. Dessa forma, as correções dialogadas propiciam aos alunos não somente resolver os problemas encontrados nos textos, mas também praticar a língua inglesa oralmente. Por ser uma atividade interativa, as correções dialogadas favorecem uma aprendizagem com foco na cooperação e na co-construção de conhecimentos entre os participantes dentro e a partir da interação (Marcuschi, 1991; Koch, 2006).

Em relação ao comportamento não verbal nos estudos de interação em sala de aula, o olhar para o professor ainda tem sido frequente nas análises. Inseridas

na perspectiva da Sociolinguística Interacional e Análise da Conversação, as pesquisas em sala de aula de Língua Inglesa têm demonstrado que as ações não-verbais (os gestos, movimentos corporais, o olhar, o sorriso) normalmente complementam, significativa e funcionalmente, o discurso oral do professor (Dantas, 2007; Santos, 2007; Souza, 2007). Dessa forma, a linguagem não verbal possui uma função interativa dentro do discurso de sala de aula, isto é, o comportamento não verbal pode contradizer, complementar, enfatizar ou reforçar o ato de fala do professor. Contribuindo tanto para a interação em sala de aula como para a aprendizagem como um todo, os elementos não verbais auxiliam na compreensão, facilitam o processo de aprendizagem, indicam as reações do professor quanto às falas dos alunos e promovem um ambiente descontraído.

Como parte inicial de uma pesquisa de doutorado, este trabalho enfatiza tanto os elementos verbais como os não verbais na interação em sala de aula. Neste artigo, pretendemos discutir, à luz dos fundamentos teóricos da Pragmática, Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversação, como os elementos verbais do professor repercutem na oralidade dos alunos em vários momentos interativos em sala de aula.

Fundamentação teórica

Uma das principais correntes teóricas que orienta as pesquisas em interação em sala de aula tem sua origem nos estudos da Pragmática. Pelo parâmetro da Pragmática, a linguagem é vista pela perspectiva dos usuários (Levinson, 2007). A partir do momento em que os usuários escolhem os elementos verbais e não verbais nas situações de comunicação, de acordo com o contexto sociocultural em que se inserem, a linguagem se faz presente. A pragmática, portanto, estuda os fatores que regem a comunicação humana tanto pelo conceito estruturalista como sociofuncionalista. Na linha estruturalista, a pragmática classifica, enumera e categoriza as funções e as regras da conversação. Na visão sociofuncional, tal corrente dos estudos da linguagem procura entender como essas regras são usadas nas interações sociais em diversos contextos (Armengaud, 2006; Levinson, 2007).

Outra corrente teórica na qual este estudo se insere é a Sociolinguística Interacional (SI) (Gumperz, 1982). Essa abordagem discursiva busca investigar e interpretar a natureza social do discurso, seguindo uma abordagem linguística e sociológica. Na abordagem linguística, a SI analisa a organização estrutural da conversação. O desenvolvimento do tópico discursivo nas conversações e a organização estrutural do sistema de turnos em diferentes situações de comunicação são alguns exemplos de linhas de pesquisa nessa área. Na abordagem sociológica, a SI se preocupa em desvelar os significados sociais implícitos na co-construção das interações sociais, observando e interpretando como os interlocutores sinalizam, produzem

e interpretam as conversações em eventos comunicativos específicos. Dessa forma, os usuários são vistos como co-construtores ativos nas interações sociais. São eles que (re)constroem, mantêm e desenvolvem a linguagem como um todo nos eventos comunicativos.

Outra corrente utilizada para orientar a pesquisa em sala de aula é a Análise da Conversação (AC). Com ênfase em desmembrar os mecanismos conversacionais nas interações face a face, a AC procura investigar a linguagem em uso tanto em cenários institucionais como nos do cotidiano. Por exemplo, a organização do tópico discursivo e dos sistemas de turno nas conversas jurídicas, entre amigos em um restaurante, entre colegas de trabalho numa escola, na relação médico-paciente podem ser analisadas pela perspectiva da estrutura e do conteúdo. Na estrutura, a AC procura descrever a organização estrutural dos sistemas de turno; na relação médico-paciente, pode ser examinado quem inicia o turno e que elementos linguísticos são característicos na abertura e finalização dos turnos. No conteúdo, a AC analisa de que forma o tópico discursivo (o assunto da conversa) é desenvolvido e como pode ser mudado de acordo com os papéis sociais assumidos pelos interlocutores no decorrer da conversação (Marcuschi, 1991; Goffman, 2002; Armengaud, 2006).

Neste trabalho, pesquisa-se como se dá a interseção dos elementos verbais do professor, no caso os marcadores discursivos, com os não verbais dos alunos (o sorriso) nos momentos interativos que instigavam a produção oral dos alunos. O contexto analisado foi o institucional já que o trabalho foi realizado numa universidade pública. Os interlocutores pesquisados foram específicos ao contexto: uma professora e alunos da disciplina Língua Inglesa 1 do curso de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Na tentativa de descrever as práticas interativas do professor e alunos, e suas implicações para o ensino e aprendizagem da oralidade em língua inglesa, buscamos identificar os significados sociais das práticas discursivas dos alunos e professor na interação em sala de aula, e como tais práticas repercutem em direção às falas dos alunos.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em 2008 no Curso de Letras e Artes da UEPB, área Língua Inglesa, CEDUC 2, Campina Grande, Paraíba. Participaram da pesquisa uma professora e quatorze alunos do período 2008.1, da disciplina Língua Inglesa 1, e dezoito alunos do período 2008.2, turno diurno. Para efeito de discussão deste artigo, os resultados parciais desta pesquisa foram relatados com base na observação em sala de aula da turma de 2008.1.

Este trabalho insere-se numa linha qualitativa, de cunho etnográfico e enfatiza a análise interpretativa dos elementos verbais e não verbais em situações interativas em sala de aula. Para tanto, no período de 21 de fevereiro a

22 de abril de 2008, 30 horas/aula foram observadas tanto para a construção do *corpus* como para análise inicial da pesquisa. Para a construção do *corpus* foi necessária a aplicabilidade das técnicas e métodos da pesquisa etnográfica. Na primeira fase, teve-se um contato direto com a professora a ser pesquisada a fim de saber se ela permitia que a sua turma fosse utilizada para pesquisa de doutorado. No primeiro de aula, o objetivo da pesquisa foi esclarecido aos alunos. Foi-lhes dito que tal pesquisa era de base etnográfica. Os dados seriam obtidos através das práticas discursivas dos participantes de sala de aula de modo que a pesquisadora pudesse descrever os processos interacionais do fenômeno interação em sala de aula. A seguir, iniciou-se a observação em sala de aula partindo depois para a entrevista com a professora. O passo seguinte foi a aplicação de um questionário para os alunos da turma pesquisada no semestre 2008.1 e, finalmente, a filmagem das aulas, sobretudo, dos momentos interativos que focavam a produtividade oral dos alunos. Vale ressaltar que, para este artigo, foram utilizados os dados referentes às notas de campo da observação em sala de aula.

Observação em sala de aula

O período da observação em sala de aula foi de 21 de fevereiro a 22 de abril de 2008. Considerando que cada aula era de 3 horas, e que a disciplina tinha um total de 6 horas semanais, foram observadas e registradas um total de 30 horas aula. O objetivo dessa etapa foi investigar quais recursos interativos (verbais e não verbais) foram mais recorrentes no contexto de sala de aula nos momentos que favoreciam a produção oral dos alunos. As interações professor-aluno assim como entre os alunos, nas atividades em grupo e em pares, receberam maior atenção nesta fase da pesquisa.

Discussão

Como guia para a discussão dos dados parciais da pesquisa foram usadas as seguintes perguntas: (i) Em que momentos interativos na sala de aula a professora dá ênfase à produção oral dos alunos? (ii) Em que ocasiões na sala de aula os elementos verbais da professora e os não verbais dos alunos contribuem para a produção oral dos alunos?

A primeira aula observada ocorreu em fevereiro. A aula se destinava à apresentação do livro texto (*Headway pre-intermediate*) que seria usado durante o semestre. Em seguida, a professora iniciou a explicação de alguns pontos gramaticais daquela unidade. Foi constatado que, em alguns momentos da aula, a professora conversava com os alunos em Português e em outras ocasiões traduzia a língua Inglesa para o Português. Na etapa final da aula, a professora organizou os alunos em grupos de três pessoas para aplicar um exercício sobre os tempos verbais.

Desde o início, observou-se que a professora, ao interagir com os alunos nas atividades em grupo, tendia a usar vários recursos interativos não verbais, principalmente o sorriso. Por conta disso, resolveu-se explorar esse elemento não verbal para estudar como ele podia contribuir para a produtividade oral dos alunos uma vez que foi constatado que em vários momentos discursivos tal sorriso era usado por vários motivos pedagógicos. Entretanto, houve a necessidade de se modificar esse recurso interativo uma vez que a professora não mais permitiu que a sua imagem fosse usada para este trabalho. Por outro lado, o sorriso dos alunos surgiu em vários momentos interativos. Sendo assim, decidiu-se investigar como se dá a relação dos elementos verbais da professora com o não verbal dos alunos (o sorriso) nas atividades que instigam a produção oral dos alunos.

Em alguns momentos interativos, a forma como as atividades e os exercícios foram explicados e como os alunos eram orientados pela professora direcionava um determinado tipo de fala dos alunos. Em uma das aulas observadas, o objetivo da atividade era elaborar perguntas a partir das respostas, utilizando os tempos verbais *simple past* e *simple past continuous*. Durante a explicação, a professora procurava enfatizar o que ela gostaria que fosse feito dizendo: “Eu não quero que vocês respondam estas perguntas, mas que elaborem as sentenças, certo? Por exemplo, na frase ‘I am 13 years old’ a questão correta é ‘How old are you?’. Pode ser observado um direcionamento claro por parte da professora, revelando o que ela esperava que fosse dito e feito naquela atividade.

Assim sendo, organizados em pares, enquanto um aluno perguntava outro respondia. No entanto, como eram poucos os alunos que tentavam completar o exercício oralmente, a professora decidiu corrigir oralmente com todos afirmando que ia citar algumas perguntas para que alguém se prontificasse a responder. Foi constatado que, enquanto tal procedimento era feito pela professora, todos procuravam responder. Tal conduta verbal da professora normalmente direcionava a fala dos alunos de acordo com o que era pedido e esperado por ela.

Depois desse momento, foi explicado pela professora que metade da turma iria para o laboratório enquanto a outra ficaria na sala para escrever uma pequena composição sobre eles. Era nesse ambiente de estudo que os alunos, aparentemente, se sentiam mais à vontade para participar das atividades de classe. No laboratório, os alunos geralmente ficavam organizados em pares, nas cabines. Lá, eles usavam fones de ouvido para desenvolver as atividades de compreensão auditiva e leitura no computador. Portanto, de acordo com a professora, era no laboratório que as habilidades de compreensão auditiva e conversação eram mais exploradas.

Parecia que, por ser um ambiente de estrutura nova (o laboratório foi a mais recente aquisição do departamento), os alunos se mostravam mais dispostos a

participar oralmente nas atividades. Ademais, a produção oral dos alunos parecia aumentar nesse ambiente mais do que na sala de aula possivelmente por conta da correção oral individual dada pela professora. Por a correção ser individual, provavelmente os alunos se sentiam mais seguros em conversar em língua inglesa e tirar as suas próprias dúvidas com a professora. Esse fato não ocorria com frequência na sala de aula normal.

A motivação para a fala por meio de perguntas diretas também pode ser notada como uma estratégia discursiva usada pela professora, principalmente nas aulas de leitura e gramática. Em uma atividade de pré-leitura, a professora pediu que os alunos trocassem informações sobre Oscar Niemeyer em pares. A maioria dos alunos interagiu oralmente e compartilhava informações sobre aquele assunto por meio da língua portuguesa, e raramente isso era feito em língua inglesa. Para a grande maioria dos alunos, no momento em que a professora se aproximava dos pares, eles procuravam interagir usando a língua inglesa, sobretudo quando a professora elaborava perguntas para instigar a conversa como “What do you think about him?” ou “tell him what you know about Niemeyer”. Dessa forma, pode ser observado que a oralidade dos alunos se desenvolvia nas interações entre alunos e professora - aluno a partir das perguntas feitas pela professora.

Num outro momento interativo, as perguntas diretas serviram também como recurso para instigar a conversação entre os alunos. Usadas normalmente no começo das sentenças, sobretudo na explicação de uma atividade oral, em par ou com todo o grupo, as perguntas diretas eram usadas como forma de orientar e/ou motivar a discussão entre os alunos nas atividades em pares. No laboratório, uma das atividades era desenvolver um diálogo com o colega sobre o que encontramos em lojas nas cidades tipo Drugstore, Furniture store, Clothing store e CD store. A professora explicava que, para desenvolver o diálogo, eram necessárias perguntas relacionadas aos preços dos objetos, à frequência das idas ao local, ao que normalmente a pessoa procura, etc. Nesse momento, a professora buscava motivar o início do diálogo direcionando algumas perguntas como ‘How often do you go to a CD store? Which CD do you like to buy?’ Além disso, a professora incentivava a fala dos alunos, dizendo “try to discuss”, let’s discuss about it” ou “did you understand?”

Outra estratégia discursiva usada pela professora foi a da correção oral individual. Na quarta semana de observação, também no laboratório, uma das atividades foi discutir as diferenças de uso dos substantivos contáveis e não contáveis, procurando os erros nas sentenças. Inicialmente, os alunos tinham que dizer por que os artigos estavam incorretos para depois substituí-los pelos corretos, justificando essa substituição. A correção oral individual se dava quando a professora se aproximava individualmente a cada um dos alunos, caminhando por entre os pares, certificando-se como os alunos estavam fazendo

a atividade e tirando as dúvidas de cada um. Tal conduta pedagógica fazia com que os alunos pudessem se sentir mais à vontade para se expressar em língua inglesa com a professora, diferente de quando a professora checava as respostas com todo o grupo na sala de aula.

A produtividade oral dos alunos também pode ser observada nas correções orais seguidas de comentários avaliativos da professora. Depois da leitura do texto sobre Oscar Niemeyer, a professora pediu aos alunos, como atividade a ser feita em casa, que respondessem algumas perguntas de compreensão de leitura e de gramática relacionada ao texto. As perguntas envolviam exercícios para identificar os tempos verbais do texto, os tipos de ações de cada tempo verbal, justificar o uso desses tempos verbais e apresentar o tempo presente de alguns verbos no passado. Na aula seguinte, durante a correção oral do exercício, pode-se observar um desenrolar significativo na fala dos alunos. A produtividade oral dos alunos se mostrava mais presente na medida em que a professora elaborava perguntas sobre o texto e após frases avaliativas como ‘very good’, ‘that’s it!’, ‘ok, very good’. Quando sozinhos com seus colegas, poucos foram os alunos que se arriscavam a conversar em língua inglesa entre si. No entanto, quando a professora se aproximava para checar a atividade, responder as dúvidas dos alunos, elaborar perguntas e tecer comentários, a oralidade dos alunos se fazia mais recorrente.

No que tange ao uso do comportamento não verbal nas conversações, o elemento não verbal, o sorriso, fazia parte do repertório dos alunos durante as conversações nas atividades em pares. Observando dois alunos conversando sobre lojas de bolsas que conheciam na cidade, um deles utilizava os movimentos das mãos seguidos de sorrisos para explicar a localização da loja no centro da cidade. O outro aluno, o interlocutor, acenava com a cabeça dando a entender que estava seguindo a explicação e concordando com o que fora dito. Conforme apontam as pesquisas em sala de aula sobre o uso dos elementos não verbais (Santos, 2007), esses gestos serviam para dar ênfase à fala do aluno quando estava explicando a localização da loja. Quanto ao sorriso do interlocutor receptor, foi constatado que o seu uso reforçava a explicação dada pelo aluno emissor. Enquanto o aluno acenava com a cabeça o sorriso se fazia presente. Tanto o movimento da cabeça quanto o sorriso sinalizavam concordância com a fala do falante emissor naquele momento interativo.

No entanto, a ausência da fala dos alunos pode ser verificada na interação professor- alunos. Dessa vez, era objetivo chamar a atenção de uma aluna em relação à discussão do filme ‘To Sir, with Love’, um filme britânico de James Clavell que discute as questões sociais e raciais da escola onde os alunos estudam. Na tentativa de saber se os alunos estavam prestando atenção ou não à discussão através das perguntas elaboradas pela professora, ela faz uso de uma pergunta direta “do you remember?” para

uma aluna em especial. Como resposta, a aluna diz sim ao mesmo tempo em que acena a cabeça e dá um sorriso, como se estivesse dizendo ‘sim, estou entendendo a sua explicação’. Dessa vez, a fala da aluna deu lugar ao sorriso. O uso do sorriso, nesse momento, pareceu ser um fator inibidor de interação oral com a professora.

A conversação na sala de aula de língua estrangeira apresenta significados interacionais diferentes das conversações em outros contextos. Portanto, a forma como a oralidade dos alunos é desenvolvida deve ser compreendida de acordo com a situação comunicativa em que se inserem. Conforme apresentado pelos resultados parciais neste artigo, a fala dos alunos tende a ser mais orientada pelo professor do que livremente (co)construída entre os alunos. Tal conduta verbal dos alunos parece refletir uma dependência da voz e das orientações provenientes da professora.

Considerações finais

Nesta etapa inicial da pesquisa de doutorado, a partir da observação em sala de aula, pode-se constatar fatores que tendem a influenciar a oralidade dos alunos. A interação oral entre os alunos se desenvolve mais em sala de aula quando a professora checa oralmente os exercícios gramaticais; faz questões relacionadas ao ensino e aprendizagem de vocabulário, gramática e atividades de leitura com base no livro texto; instiga os comentários dos alunos nas discussões orais e quando responde às dúvidas dos alunos. A partir das observações, tal comportamento verbal dos alunos parece estar vinculado à fala da professora, sobretudo quando se refere às questões da estrutura da língua, i.e. a gramática.

Quanto aos momentos interativos em que a professora prioriza a produção oral dos alunos, os resultados parciais mostram que é durante as atividades em grupos e em pares, nas correções orais, principalmente as individuais, que a habilidade em conversação recebe mais atenção. É também nesses momentos que ocorre a interseção dos elementos verbais da professora com o não verbal dos alunos (o sorriso). Foi revelado que o sorriso dos alunos exerce uma dupla função nas conversações em sala de aula. Nas interações professor aluno, os alunos tendem a se intimidar utilizando o sorriso no lugar da fala. O sorriso torna-se um instrumento de bloqueio para a produtividade oral. Por outro lado, nos momentos interativos em que os alunos estão interagindo, cumprindo as atividades em pares previamente estabelecidas pela professora, o sorriso surge como ferramenta de entendimento da conversação. É sorrindo que o aluno concorda com o que foi dito e sinaliza de forma positiva que compreendeu a mensagem recebida.

Embora a relação dos elementos verbais da professora com o não verbal dos alunos pareça inibir a produção oral dos alunos na interação professor aluno, os resultados parciais mostram uma desenvoltura da oralidade dos alu-

nos nas interações orais aluno-aluno. Não se pode inferir, com tais observações, que a produção oral dos alunos esteja vinculada apenas a tais eventos comunicativos em sala de aula, como os apresentados neste artigo. Tem sido o intento, até o presente momento, instigar reflexões sobre a relação do comportamento verbal e não verbal da linguagem, no caso o sorriso, e de sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa no que concerne o desenvolvimento da conversação.

Referências

- ARMENGAUD, F. 2006. *A Pragmática*. São Paulo, Parábola Editorial, 159 p.
- CONSOLO, D.A.; VANI, J.P. 2006. Ensino de Línguas na escola: um estudo transversal da interação em sala de aula. In: V. LEFFA (org.), *A Interação na Aprendizagem de Línguas*. 2ª ed., Pelotas, EDUCAT, p. 55-80.
- DANTAS, L.M. 2007. *Nonverbal Language in EFL classroom interaction*. Maceió, AL. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas, 74 p.
- FIGUEIREDO, F.J.Q. 2006. A aprendizagem colaborativa: foco no processo de correção dialogada. In: V. LEFFA (org.), *A Interação na Aprendizagem de Línguas*. 2ª ed., Pelotas, Educat, p. 133-164.
- FIGUEIREDO, C.A. 2005. Interação em sala de aula e a formação do professor de Língua Estrangeira. In: C.A. FIGUEIREDO; O.F. de JESUS (Eds.), *Linguística Aplicada – aspectos da Leitura e do Ensino de Línguas*. Uberlândia, Edufu, p. 26-35.
- GARCEZ, P.M. 2006. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução do conhecimento, construção conjunta do conhecimento. *Calidoscópio*, 4(1):66-80.
- GOFFMAN, E. 2002. A Situação Negligenciada. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (eds.), *Sociolinguística Interacional*. 2ª ed., São Paulo, Loyola, p. 13-20.
- GUMPERZ, J.J. 1982. The Sociolinguistic of interpersonal communication. In: J.J. GUMPERZ, *Discourse strategies. Studies in Interactional Sociolinguistics*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 9 -37.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2006. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo, Parábola, 143 p.
- KOCH, I.V. 2006. *A Inter-ação pela Linguagem*. São Paulo, Contexto, 134 p.
- LORSCHER, W. 2003. Nonverbal aspects of Teacher-pupil communication in the Foreign language classroom. *Web Proceedings*. Disponível em: <http://www.ec.hku.hk/kd2proc/proceedings/fullpaper/.../LorscherWolfgang.pdf>. Acesso em: 05/12/2009.
- LEVINSON, S.C. 2007. *Pragmática*. São Paulo, Martins Fontes, 548 p.
- MARCUSCHI, L. 1991. *A Análise da Conversação*. 2ª ed., São Paulo, Ática, 89 p.
- OLIVEIRA, C.L. 2007. A Relevância dos efeitos faciais na conversação face a face no ambiente de sala de aula. In: M.F.O. SANTOS (ed.), *Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula*. Maceió, Edufal, p. 45-68.
- SANTOS, M.F.O. 2007. Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula. In: M.F.O. SANTOS (ed.), *Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula*, Maceió, Edufal, p. 17-44.
- SIME, D. 2008. 'Because of her gesture, it's very easy to understand' – learners' perceptions of teachers' gestures in the Foreign language class. In: S. McCafferty; G. Stam (eds.), *Gesture: Second Language Acquisition and Classroom Research*. New York/London, Routledge, p. 259-280. Disponível em: <http://www.strath.ac.uk>. Acesso em: 03/12/2009.
- SINCLAIR, J.M.; COULTHARD, R.M. 1975. *Towards an Analysis of Discourse – The English used by teachers and pupils*. Oxford, Oxford University Press, 163 p.
- SOUZA, D.P. 2007. A Interseção entre a fala e os gestos no comportamento do professor em sala de aula. In: M.F.O. SANTOS (ed.), *Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula*. Maceió, Edufal, p. 45-68.
- TAVARES, R.R. 2007. *A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem*. Maceió, Edufal, 132 p.
- WARDHAUGH, R. 1998. Ethnography and Ethnomethodology. In: R. WARDHAUGH, *An introduction to Sociolinguistics*. 3ª ed., New York, Blackwell Publishers, p. 237-254.

Submissão: 04/08/2010

Aceite: 30/03/2011

Daniela Nóbrega

Universidade Estadual da Paraíba
Av. Baraúnas, 351
Campus Universitário, Bodocongó
58101-001, Campina Grande, PB, Brasil

Roseanne Tavares

Universidade Federal de Alagoas
BR 104 – Norte, Km 97
Cidade Universitária
Maceió, AL, Brasil